

A Editora Madras lança, sem alarde, uma coleção que se pode chamar de parafilosófica. Pois é uma série de livros cuja intenção é propagar a filosofia para o grande público que acompanha os filmes de grande audiência da televisão norte-americana e os campeões de bilheteria de Hollywood.

Trata-se da coleção Filosofia Popular da editora norte-americana Open Court Publishing, dirigida por William Irwin, professor-assistente de Filosofia no King's College, que já escreveu artigos sobre hermenêutica, Sartre, Platão e filosofia do direito.

Irwin é encarregado de juntar e coordenar vários professores de filosofia de renomadas universidades norte-americanas, encarregando-os de mostrar o lado filosófico de alguns filmes e seriados de televisão.

Essa forma de utilização da cultura filosófica é bem coerente com a cultura norte-americana, cujo pragmatismo de William James

A filosofia vai ao

VALTER JOSÉ

faz parte de sua essência e tradição, que vê as idéias em função de sua utilidade na vida prática, no caso aqui, a utilidade da filosofia para o mundo da diversão diária.

Os primeiros títulos das coletâneas são: *Matrix: Bem-vindo ao Deserto do Real*, *Os Simpsons e a Filosofia (D'Oh! de Homer)*, *Buffy*, *A Caça-Vampiros e a Filosofia (Medo e Calafrios em Sunnydale)*, *Seinfeld e a Filosofia (Um Livro sobre Tudo e Nada)*, *A Família Soprano e a Filosofia (Mato, Logo Existo)* e *Harry Potter e a Filosofia*.

Recebemos as coletâneas *Matrix: Bem-vindo ao Deserto do Real* e *Seinfeld e a Filosofia (Um livro sobre Tudo e Nada)*. O primeiro é melhor, pois analisa um filme de longa-metragem cheio de citações e influências; daí os textos de mais profundidade. Além de contar com a participação de Slavoj Zizek, livre-pensador que foi candidato à presidência da República da Eslovênia.

VALTER JOSÉ é doutor em Filosofia pela USP.

Matrix: Bem-vindo ao Deserto do Real, de William Irwin (org.), São Paulo, Madras, 2003.

Seinfeld e a Filosofia, de William Irwin (org.), São Paulo, Madras, 2004.

barbieri

Essa coletânea tem tudo para agradar o leitor médio: bom humor, raciocínios claros, bom conhecimento da cultura *pop* em geral, sem contar o tratamento de questões filosóficas que remontam a Platão e Aristóteles, passando por Descartes e desembocando em Jacques Lacan e Wittgenstein. Entretanto, as preocupações dos participantes da coletânea com a filosofia não ultrapassam os limites do jogo rotineiro e despreocupado. Para eles o filosófico não tem o mesmo encanto da vida do dia-a-dia, ou do *american way of life*. Da mesma forma que o filme *Matrix* não traz nenhuma indagação sobre os destinos obscuros da humanidade, a cultura filosófica é apenas uma oportunidade para o exercício brincalhão do pensamento, uma modalidade de entretenimento.

O próprio William Irwin, por exemplo, em “Computadores, Cavernas e Oráculos: Neo e Sócrates”, faz boas aproximações temáticas de *Matrix*, *Clube da Luta* e *Amnésia*. Mas, ao mesmo tempo, aproxima Neo (o personagem vivido por Keanu Reeves) de Jesus Cristo e Sócrates. Esta frase dá o *pathos* típico de sua reflexão: “Hollywood e Atenas concordam: a vida não examinada não vale a pena ser vivida”.

E o artigo “Ceticismo, Moralidade e Matrix”, escrito a quatro mãos por Gerald J. Erion e Barry Smith, por exemplo, segue a mesma linha norte-americana de pensamento, e aqui se bate na mesma tecla da questão de comentar os argumentos céticos presentes no pensamento de Descartes e sua relação com *Matrix*. Através da crença na realidade de Thomas Anderson que tem duas vidas: a de um honesto pagador de impostos e a vida de um *hacker* de nome Neo. Para essa dupla, filósofos importantes são aqueles que, como “Descartes, vêem os cenários do tipo Matrix como ferramentas úteis para explorar questões fundamentais sobre conhecimento e realidade” (p. 53).

Na verdade, o melhor texto da coletânea é assinado por Slavoj Žižek, o Ronaldinho Gaúcho da turma, pela maior capacidade de reflexão e pela visão um pouco mais ampla que a dos seus colegas

americanos professores de filosofia. “Matrix: ou os Dois Lados da Perversão” confronta duas interpretações diferentes do filme – a visão de Jacques Lacan e a da Escola de Frankfurt – para chegar à conclusão de que *Matrix* dá vazão à crença de que a realidade social está se tornando paranóica, ou seja, que a realidade social está se dispersando e perdendo sua unidade.

Seinfeld e a Filosofia (Um Livro sobre Tudo ou Nada) é o outro exemplar da coleção que recebemos. E trata-se realmente de um livro para os leitores de filosofia que também sejam aficionados da série. E que realmente tenham senso de humor superficial e despreocupado, a ponto de se divertir às gargalhadas com os excessos de William Irwin e os outros professores de filosofia que participam dessa coletânea.

Um desses excessos causaria forte irritação no grande Heidegger (autor de *Sein und Zeit, Ser e Tempo*), se este visse o que fez o piadista de salão de barbeiro Irwin, ao transformar *Seinfeld* em “Sein-Feld”, ou seja “Campo do Ser”.

Outra piada de salão da coletânea é comparar *Seinfeld* com as figuras históricas de Sócrates e Platão. Depois disso os autores aproximam esse personagem do *sitcom* com os pensamentos de Nietzsche, Kierkegaard, Aristóteles e Sartre. Sem contar que o professor de filosofia Eric Bronson, no texto “Fazendo Algo de Nada: *Seinfeld*, Sofisma e o Tao”, interpreta o conceito de que a série trata de nada, como se a série tratasse do nada.

O único artigo com conteúdo interessante dessa coletânea é escrito por Kelly Dean Jolley, e intitulado “Wittgenstein, *Seinfeld* e o Lugar-comum”. Talvez pelo fato de que Wittgenstein combine com o clima filosófico proposto. De qualquer modo, o autor parece realmente ter ido aos textos e tentado relacioná-los com a proposta de *Seinfeld*.

Com essas duas amostras desta série de coletâneas que relacionam a filosofia com as séries, filmes e *sitcoms* norte-americanos, pode-se notar que nem sempre funciona o casamento entre a indústria cultural e o exercício crítico do pensamento.